

EM FOCO: O MST

Rogério Sottili*

Este texto tem como base a dissertação de mestrado *MST: A Nação além da cerca*, apresentada em abril de 1999, no programa de Estudos Pós-Graduados em História, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Ele se propõe discutir como as fotografias publicadas no jornal *O Estado de S. Paulo* e no *Jornal Sem-Terra*, bem como as fotografias de Sebastião Salgado, sobre o Movimento dos Sem-Terra, participaram da construção da imagem e da expressão política e social do MST. Selecionei algumas fotografias utilizadas na dissertação para fazer este exercício de reflexão e considero que será possível fazê-lo sem prejuízo da percepção dos diferentes elementos que ajudam a produzir o MST.

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra conquista nesta última década uma expressão na vida pública nacional que ajuda a recolocar na pauta de discussão do país vários temas antes esquecidos, como o debate sobre o crescente grau de exclusão social e de pobreza da população brasileira, a importância da reforma agrária e o papel dos movimentos sociais na transformação desta realidade.

O que representam esses trabalhadores que estão sempre em movimento, caminhando, marchando, ocupando terras, prédios públicos, manifestando suas posições com coragem, transgredindo a lei e questionando seus próprios aliados? A intenção deste trabalho é refletir sobre como um movimento de excluídos – da lógica do mercado, do progresso, do desenvolvimento econômico, das políticas governamentais – constitui-se neste final de milênio em um dos mais importantes movimentos sociais do país, chamando inclusive a atenção internacional e sobre como a fotografia constitui parte dessa luta.

* Mestre em História pela PUC-SP.

A imagem de um modo geral e a fotografada em particular está sempre presente no dia-a-dia, nos conflitos, nas conquistas, nas lutas dos sem-terra. Os diversos olhares sobre o MST, contudo, não são isentos de posições. Estão carregados de intenções e ideologias e estão sempre intervindo na realidade do Movimento a partir de sua visão.

A fotografia, como prática social e como linguagem, expressa e ajuda a construir as tensões subjacentes ao desenrolar do MST, colaborando na construção de novos espaços do e para o movimento, expressando-os e colaborando com as articulações sociais na expansão de sua visibilidade e força política, sendo ela mesma uma articulação nesse sentido, quando não atua contra o próprio movimento. A fotografia é parte do real. Ela não é instrumento fechado em seus propósitos.

O que há por trás de cada olhar e como ele participa dessa construção? Para o *Jornal Sem-Terra*, a preocupação com o registro fotográfico vai além do caráter de memória, divulgação e denúncia. Ele tem o objetivo de mobilizar militantes do movimento e socializar suas experiências. O MST edita as imagens como um instrumento de articulação e mobilização dos próprios sem-terra, mas, sobretudo, como um instrumento importante na construção desses sujeitos e desse movimento. Os sem-terra se apropriam do equipamento, da técnica fotográfica e das experiências socializadas pelas fotografias, realizando um intercâmbio de práticas, denúncias e também de divulgação de suas lutas e reivindicações.

O jornal *O Estado de S. Paulo*, por sua vez, denuncia o Movimento Sem-Terra com um foco distinto, mobiliza e disputa a opinião pública a partir de seus interesses e visão de mundo, geralmente vendo as ações dos sem-terra como uma agressão ao Estado de Direito e à propriedade privada e um descompasso com a modernidade. Destacam as principais lideranças e gestos e geralmente os desqualificam, relacionando-os com posturas messiânicas ou com a violência.

Sebastião Salgado, de modo diferente do *JST* e do *OESP*, registra outros momentos que envolvem o MST. É interessante observar que o trabalho de Salgado, diferentemente do *JST* e do *OESP*, está inserido em um projeto mais amplo que trata das migrações. Sebastião Salgado intervém na realidade dos sem-terra a partir de sua infância, seus desejos, preocupações e ideologias: quer provocar um debate em torno da globalização da economia e a conseqüente exclusão social, que, segundo ele, poderá levar à “extinção da espécie”.¹

1 Entrevista com Sebastião Salgado concedida em 23 de agosto de 1998 em Vitória (ES).

Olhares

Observando as imagens do MST, particularmente no período de 1995 a 1997, notamos que o Movimento dos Sem-Terra está sempre em movimento: é o MST ocupando terras, resistindo e produzindo. É ele chegando às cidades, em marchas e colunas, nas avenidas urbanas ou nas estradas, denunciando e mostrando para a sociedade a sua visão de mundo, de trabalho e de justiça.

É o Movimento em movimento, ocupando prédios e praças públicas, manifestando-se sobre a política nacional. São as lutas dos assentamentos conquistados pelo Movimento e articulados com os sem-terra que demonstram que a luta não termina com a posse da terra; ela continua pela resistência na terra e novas conquistas, construindo a cidadania, a educação, a saúde, a cultura e o lazer.

E no Movimento em movimento e com a ajuda da fotografia, os sem-terras vão construindo sinais, símbolos e gestos que ajudam a unificar as ações e produzir identidade e animação para os colocarem com mais determinação novamente em movimento. É a imagem com o Movimento carregando as bandeiras, a cruz com panos brancos simbolizando a vida das crianças que acabou sendo roubada pela violência na luta pela terra, construindo os barracos de lona preta, os cantos, a alegria, a determinação. Esta animação, construída com a participação da imagem, vai se constituindo na *mística* do MST.

Os sem-terra divulgam a forma como se vêem e como querem ser vistos, também através da fotografia. As fotos que o *JST* seleciona para publicação demonstram a luta coletiva e a disposição dos sem-terra. Nelas ficam em evidência alguns sinais que foram se constituindo em marcas do MST: as ferramentas para o alto, a alegria, a coragem, a bandeira e a forte presença da criança. Por sinal, valorizando humanismo, homens, mulheres e crianças estão sempre presentes nas imagens do MST e todos participando em pé de igualdade das atividades, como se a experiência que conta aí é a de cada um, sem uma se sobrepor à outra. A *mística* tem, como pressuposto, a participação e o interagir para ser mais eficaz. Ela é introduzida pela direção do Movimento, como uma política para ajudar o sem-terra a sentir que pode se impor. Ela não é algo espontâneo, como Kolling deixa claro em seu depoimento:

nós introduzimos o gesto do pulso. (...) o povo está historicamente humilhado, não é? o trabalhar com a enxada deixa a pessoa curvada, nós temos que construir a altivez, resgatar a auto-estima das pessoas (...)²

2 Edgar Kolling, entrevista concedida em 11 de setembro de 1998, São Paulo.

É a fotografia como prática social. A imagem, com a mediação do fotógrafo, ajuda a criar uma identidade política e social entre os sem-terra, quando vai divulgando experiências, jeitos e gestos. A unidade é trabalhada considerando os interesses do JST, os valores do fotógrafo e o entusiasmo do referente, “porque a ação do sujeito é sempre produtiva e não pode ser reduzida à atitude do espectador passivo”.³ O sem-terra quer se fazer aparecer na fotografia enquanto tal.

É bastante significativa a presença da criança, dos instrumentos de trabalho, da bandeira, da palavra de ordem (na expressão do grito), do canto e da alegria nas imagens do MST. O Movimento, com ajuda da “intervenção” e da “interpretação”⁴ do fotógrafo, ao divulgar imagens com este foco, além de animar sua base social, quer divulgar para a sociedade urbana um movimento unitário, com personalidade política, mas sobretudo um movimento de trabalhadores que querem trabalhar a terra. É por isso que, de Norte a Sul, as imagens insistem em mostrar as ferramentas de trabalho. Não que eles façam isto de uma forma pensada, mas a construção dessa identidade produz, em parte, uma resposta ao preconceito e à pressão que esses lavradores sem-terra sofrem nos municípios, nas rádios locais, na imprensa, nos comentários populares e na própria fotografia publicada, como um movimento caracterizado por baderneiros, vagabundos, que não querem trabalhar e *só querem fazer política*. A necessidade “natural” e política de se defender dessa caracterização preconceituosa ajuda o MST a buscar a construção de imagens que se contraponham a ela.

O foco de Sebastião Salgado é uma intervenção de quem está envolvido com o Movimento, mas que carrega em si experiências diferentes. Por maior que seja a sua integração, sua intervenção não é a de um sem-terra, mas de um fotógrafo que quer se solidarizar com o Movimento porque considera a luta desses trabalhadores justa e humana. E que encontrou, na resistência deles, uma forma de quebrar a lógica do mercado e de resistir ao que ele chama de “extinção da espécie”. No foco de Sebastião Salgado, vamos encontrar geralmente os elementos que compõem a comunidade – família, instrumento de trabalho, o olhar, a luz – e a resistência – a luta, o conflito, a desobediência, o limite. É importante perceber que o centro do trabalho de Salgado é sua experiência, sua vida, “é a luz da Aimorés, em Minas Gerais”, onde cresceu, como ele costuma dizer. É sua militância política, sua forma de olhar para o social e de enxergar o objeto

3 A. Machado (1984). *A ilusão especular: introdução à fotografia*. São Paulo, Brasiliense, p. 14.

4 Idem, *ibidem*.

a ser fotografado. É a sua trajetória que está presente no momento do *clic*. Baseado nesta visão da realidade do trabalhador e nas transformações pelas quais passa a sociedade, configura-se o trabalho que Salgado procura retratar.

Segundo Machado,

(...) a humanidade pode continuar a crescer porque o risco não está aí. O grande risco é o egoísmo, a distribuição cada vez mais injusta daquilo que a humanidade produz. Esse egoísmo, aliás, carrega dentro de si a semente da própria destruição (...).⁵

É evidente, em seus registros, a preocupação com as movimentações, as transformações das populações e os ofícios em extinção. Registrar pessoas realizando um trabalho em extinção é a forma que Sebastião Salgado encontrou para resistir à idéia da constante mobilidade imposta pela globalização. Na medida em que ele fotografa o movimento de dentro, está compartilhando seus valores e participando da luta de resistência dessas populações. Entretanto, Salgado não se prende a enxergar este mundo globalizado pela circulação de objetos, de mercadorias e de valores, mas pela circulação de homens, mulheres e crianças de um canto para outro.

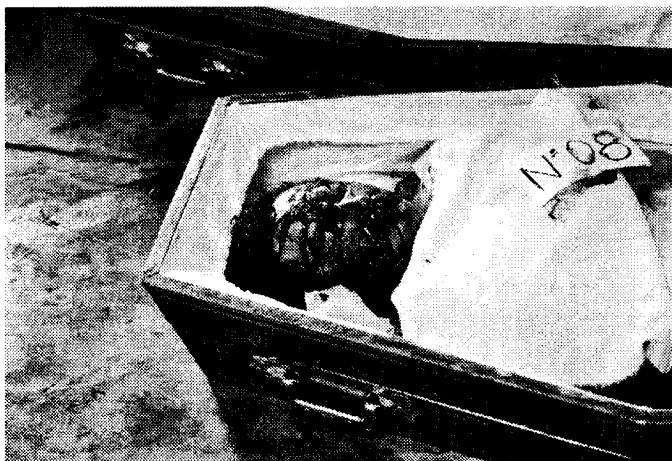


Foto 1 - Foto de Sebastião Salgado, Livro *Terra*, p. 118 - Sem-terra executado sumariamente com um tiro na nuca, no conflito da Curva do S, em Eldorado do Carajás, PA, no dia 17 de abril de 1996.

5 Idem , ibidem.



Foto 2 - Foto de Sebastião Salgado, Livro *Terra*, p. 130 - Família de ex-sem-terra, hoje assentada em Dionísio Cerqueira (SC), pausa para a foto exibindo as conquistas que vieram junto com a conquista da terra: a dignidade.

Estas duas imagens articuladas, o sem-terra morto no Pará e a família assentada em Santa Catarina, contam a história do Movimento no olhar de Sebastião Salgado. É a história do sem-terra que lutou, mas não conseguiu realizar seu sonho de ser um assentado e ter uma casa para viver com a família. Foi assassinado e identificado com o número 8. A família assentada na fronteira com a Argentina, lutou, acampou, enfrentou a polícia e realizou parte de seu sonho: terra, casa e família reunida. A dignidade no brilho das panelas e na roupa limpa que vestiram para posar para a fotografia. A história de luta era a mesma, “só que um não completou o ciclo”,⁶ como diz Salgado, e parou aí, com uma bala na nuca. Outros sem-terra, que não foram assassinados, poderão completar o ciclo e conquistar a terra, educação, saúde e a *dignidade nas panelas*, como a família catarinense.

Intervir com seu trabalho e olhar é o jeito que Sebastião Salgado encontrou para resistir à irracionalidade que leva o homem à miséria, ao sofrimento, ao abandono e ao trabalho subumano. Também o olhar de Salgado está carregado de dúvidas e contradições, aliás, como a própria realidade. Suas fotos são uma mistura de dignidade e esperança, com situações que chocam e angustiam a sociedade. Essas contradições

6 Idem, *ibidem*.

podem ser compreendidas quando ele diz, em entrevista, não saber se aquilo pelo qual ele lutou a vida inteira se concretizará: a classe trabalhadora chegar ao poder. Essa visão que ele produz sobre o MST é divulgada através de exposições, revistas, jornais em vários países e constitui parte significativa da imagem que o mundo tem sobre a luta dos sem-terra.

O foco do jornal *O Estado de S. Paulo* é outro. Analisando o conjunto de fotografias (aproximadamente mil), tiradas pela Agência Estado/AE, em abril de 1995, em Sandovalina, região do Pontal do Paranapanema, no estado de São Paulo, encontramos um número expressivo de imagens que oferecem uma noção da realidade de uma ocupação, as dificuldades e as formas de organização do Movimento, os modos de vida no acampamento e a sua organização.

Há muitas fotografias com crianças, outras de massivas assembléias e marchas com os trabalhadores segurando foices e enxadas para o alto e a bandeira do MST. Essas fotos não foram publicadas pelo *OESP*. Ao observarmos as imagens publicadas e as não publicadas associando-as à escrita, percebemos o quanto as fotos atuam a favor ou contra o Movimento quando divulgadas ou omitidas e como elas expressam para além de seus objetivos e articulações mais conscientes e deliberadas.

Possivelmente pela quantidade e diversidade das fotos, o fotógrafo deve ter passado um bom tempo com os sem-terra, registrando seu cotidiano. Entre essas fotos, em algumas poucas, talvez umas dez, aparecem os barracos de lona com alguns automóveis atrás (caminhonetes, carros de marca Monza e Fusca, etc..). Essas fotos foram as escolhidas para a publicação no *Estadão*, uma no dia 6 e outra em 7 de abril de 1995. Na foto do dia 6, embora a manchete não faça referência aos sem-terra, a legenda informa: “Mais barracos. Cresce o acampamento Primeiro de Abril, no Paranapanema: nova barraca ao lado do carro de um sem-terra”.

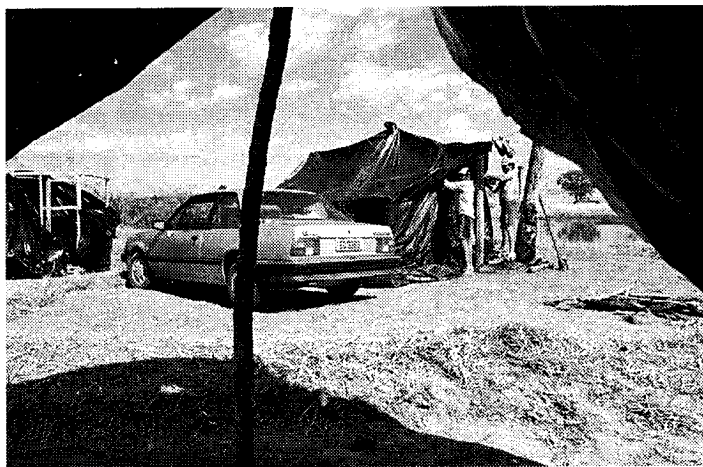


Foto 3 - Fotos Monza/ Agilberto Lima A/E OESP 6/04/95/ capa. "cresce acampamento Primeiro de Abril, no Paranapanema: nova barraca ao lado do carro de um sem-terra", diz a legenda da foto na edição.

Essa fotografia e a escolha dela para publicação nos fazem indagar por que *O Estado de S. Paulo*, entre todas as fotografias oferecidas pelo fotógrafo a seu serviço, que caracterizavam a ocupação, o cotidiano do sem-terra, sua organização, suas dificuldades, ou ainda fotografias plasticamente bem produzidas, foi escolher justamente aquela?

O foco da imprensa, que escolheu o carro do sem-terra, pode ser indício da busca incessante da empresa jornalística para desqualificar as organizações populares que buscam afirmar seu papel político. Nessa construção ou desconstrução da imagem do sem-terra, a imprensa passa a ter um papel importante na expansão da visibilidade política do Movimento. Além do autor, a linha editorial deixa sua marca na publicação da fotografia. É importante observar o foco do jornal sobre o MST. A fotografia selecionada indica a preocupação do jornal em construir a idéia de que as pessoas que ocupam terra não são tão miseráveis como se autodenominam, e que até possuem automóveis, o que pouco tem a ver com a agricultura, como deixa explícito o editorial do dia 8 de abril.

Invasão de terras pode ser, no Brasil destes dias, bom negócio. É o que demonstra a ocupação da fazenda no Pontal do Paranapanema, deixando claro o seguinte: os sem-terra têm parceiros aptos a dar-lhes força. Um contingente de classe média procedente da cidade está engrossando a onda de violência contra a lei. (...)⁷

7 *O Estado de S. Paulo*, editorial de 8 de abril de 1995, p. 2.

As ações do MST e o *Jornal Sem-Terra*, com seu *foco* particular, integram a disputa ideológica travada entre os diversos olhares. O intenso movimento provocado pelas mobilizações com acento nas cidades, ajudam os trabalhadores a ocuparem novos espaços na política e o envolvimento da opinião pública é fundamental neste processo. É significativo perceber como a fotografia participa do entrelaçamento entre as culturas urbana e rural. Ela divulga, para a cidade, os valores e costumes do campo; para o meio rural, ela leva os modos de vida da cidade. Nesse processo, vai construindo um outro olhar e uma outra cultura sobre eles.

O MST protesta ocupando praças, avenidas e prédios públicos – ministérios, secretarias, bancos. Assim, denuncia e leva para a sociedade sua concepção de organização política e de Estado. A percepção de que o problema não se reduz à conquista da terra se constituiu em importante diferença, que contribui para colocar o MST como força significativa na luta política contra a exclusão social neste final de milênio. Pesquisando as fotografias publicadas nos jornais *OESP* e *JST*, observamos que, a partir de 1995, cresceram muito as fotos relacionadas com o MST nas cidades ou se dirigindo a elas: no início dos anos 90, mais de 80% das fotografias publicadas na capa do *JST* eram de alguma ação do MST ligada diretamente à terra ocupada; em 1995, 60% das imagens de capa já são de atividades nas cidades ou estradas e, em 1997, 90% são nas cidades. É o MST sempre em movimento, agora para e nas cidades.

Em 1995, após a eleição do presidente Fernando Henrique Cardoso, o Movimento organiza o seu III Congresso Nacional. Naquele ano, Brasília é tomada pelos sem-terra, que começam a intensificar suas ações para as cidades. As preocupações com a opinião pública e com a sensibilização dos setores urbanos para a defesa da reforma agrária já vinham explicitadas no documento *Perspectiva da luta pela reforma agrária – subsídios para discussão em preparação do Plano Nacional do MST*, apresentado no V Encontro Nacional, de março de 1989:

Temos ainda diversos desafios como: a) precisamos avançar na política de alianças com operários e outros setores urbanos interessados na reforma agrária; b) precisamos descobrir formas de mobilização que envolvam setores urbanos e outros setores rurais.⁸

8 MST. *Memória*. V Encontro Nacional do MST, Nova Veneza (SP), março 1989, p. 5.

O Movimento busca, a partir das manifestações em Brasília, ampliar os seus reclamos e suas reivindicações para o país inteiro ouvir. As fotos publicadas nos jornais, no período pesquisado, reforçam a intenção do Movimento em buscar a cidade como um dos seus campos de ação, talvez tão importante quanto o da ocupação de terra.

A observação das fotografias da ocupação do espaço urbano provoca um choque cultural-visual. Na imagem publicada na edição de abril de 1996 do *JST*, os sem-terra entram em marcha pela avenida Paulista, o principal centro financeiro do país.



Foto 4 - Foto *JST* 157/capa, abril 1996. Foto de Douglas Mansur. Sem-terra entram pela avenida Paulista, na marcha pela reforma agrária, e vão transformando o cenário da maior cidade do país.

Em plena Paulista, um espaço composto por altos prédios de uma arquitetura na qual predominam o vidro e o concreto, onde as pessoas, na maioria com ternos e gravatas, andam a passos largos e rápidos e o movimento de carros é intenso, onde o

capital financeiro se manifesta na imponência dos edifícios, surgem homens rústicos de barba e sandálias, lavradores e lavradoras com bolsa a tiracolo e lenço na cabeça. Bandeiras da reforma agrária e do Movimento dos Sem-Terra atravessam a avenida conquistando espaço urbano, chamando a atenção e aproximando aquelas pessoas de um problema que parecia ser muito distante. Estão lá pedindo justiça e reforma agrária. É a experiência do campo que vem para a cidade para ser assimilada, e o contraste não passa despercebido aos homens da cidade.

A Polícia Militar acompanha a movimentação e os passantes olham, curiosos, os sem-terra. Os trabalhadores rurais vão saindo, com suas bandeiras e faixas, do túnel onde termina a avenida mais conhecida do país. Algumas faixas afirmam “Uma marcha pela saúde”, outras pedem política agrícola, outras exigem o fim da impunidade no campo e na cidade e a reforma agrária. No conjunto dessas fotos, é freqüente encontrarmos faixas que relacionam reforma agrária e política agrícola; reforma agrária, educação e saúde; e reivindicações que ultrapassam a luta pela terra. Os sem-terra querem conquistar a simpatia da população urbana. As imagens sugerem a intenção de criar um laço de solidariedade entre os diversos setores da sociedade, possivelmente embu-tindo aí a preocupação com o seu futuro.

A ocupação do urbano

Analisando os documentos e jornais do MST do início do Movimento, é recorrente a expressão *nós os rurais ou aqueles urbanos*, como uma necessidade de afirmação e um certo desdém de quem se sentia excluído da mentalidade moderna, ou do conjunto da sociedade. Tudo estava voltado para os centros urbanos, o que fazia a população rural se sentir menosprezada e abandonada pelas políticas governamentais. Por isso, os sem-terra construíam, valorizavam e propagandeavam, com muita ênfase, aquilo que os identificava como trabalhadores do campo. E eles procuravam se afirmar mostrando a sua cara, seus símbolos, se organizando e se diferenciando.

O MST vive hoje a contradição de buscar a afirmação política, cultural e social de sua base (valorizando iniciativas culturais que os diferenciam dos setores urbanos) e ter de, ao mesmo tempo, romper o isolamento setorial que não lhes proporciona vitórias mais amplas e que inviabiliza a sociedade que constroem em seu sonhos (que também não se constitui apenas de rurais). Além disso, a luta do dia-a-dia dos sem-terra os coloca cada vez mais em contato com a cidade, até porque, para conquistar uma de-

terminada área, o Movimento acaba se dirigindo à cidade, pois é onde funcionam os órgãos do Estado que eles precisam negociar ou pressionar.

O mundo moderno está voltado para os centros urbanos e de costas para o interior, para o rural. O MST com sua luta, de certa forma questiona essa organização política e econômica e, com suas ações, faz a atenção se voltar também para o rural, uma concepção de Estado diferente desta em que vivemos, descentralizada, com a valorização de outros espaços que não apenas o urbano. Nessa perspectiva, o MST dirige parte de suas ações para as cidades, buscando uma articulação maior entre o mundo rural e o urbano.⁹ E este movimento vai sendo construído com o que se tornou uma das marcas do MST: a caminhada. As *colunas* de sem-terra vão se formando e ganhando corpo nas estradas e nas cidades, se configurando como uma das mais fortes expressões do próprio Movimento e sintetizando sua concepção básica: sempre em movimento, para animar seus militantes, buscar apoio junto à sociedade e fazer crescer as mobilizações pela reforma agrária e por uma nova sociedade, com valores que vão sendo construídos no dia-a-dia.

Vale destacar, nesta relação de homens do campo com a cidade expressa na fotografia, o papel que esta relação passa a ter na produção de símbolos e na valorização da mística do MST. Os sem-terra passam a gostar de visitar a cidade, para mostrar que são homens do campo e que querem terra para trabalhar e criar seus filhos. Para isso, buscam mostrar a bandeira, a sua organização, seus instrumentos de trabalho, sua alegria, sua determinação pela seriedade com que encaram as ações e palavras de ordem. É dessa forma que se mostram nas fotografias, com alegria e determinação (em contraste com aquelas em que aparecem como “intrusos” do meio rural na cidade), para a cidade tomar conhecimento da dignidade de sua luta e de seus valores. Nesse sentido, a cidade passa a ser um instrumento de incentivo à produção da mística.

Os sem-terra acreditam na sua luta também como um gesto de solidariedade ao homem da cidade, buscando com isso o seu apoio para a reforma agrária. É como se dissessem: *não queremos vir para a cidade disputar espaço e trabalho com vocês. Queremos ficar no campo, produzindo alimentos saudáveis e proporcionando vida melhor para todos*. Na mesma medida em que percebem a importância do apoio dos centros urbanos para sua luta, os sem-terra vão se modificando e modificando o homem rural e urbano, conforme Williams já havia observado no livro *O campo e a cidade*:

9 R. Williams (1990). *O campo e a cidade*. São Paulo, Companhia das Letras.

A vida do campo e da cidade é móvel e presente: move-se ao longo do tempo, através da história de uma família e um povo; move-se em sentimentos e idéias, através de uma rede de relacionamentos e decisões.¹⁰

Transformações

Os sem-terra se transformam a partir de seus sonhos e ideais e na relação com a sua luta e mudam a forma como eram vistos pela cidade, como sem-terra *toscos*, com resistência à cultura urbana, incomodados com as luzes da cidade, o barulho e o movimento. Foram às cidades, transformaram-nas e se transformaram com elas, mas mantiveram os traços do homem do campo, sua cultura religiosa e de amizade com a natureza. Sobretudo, constroem na sua luta a determinação de que são homens e mulheres, trabalhadores da terra e possuem além do direito ao gosto pelo meio rural, do direito ao trabalho, à educação e à saúde, uma contribuição importante para construir um país com valores sociais e humanitários – influência dos setores da Igreja que permeia o MST. A afirmação do sem-terra, articulado com os sonhos e ideais, mais a valorização de experiências, servirão de base para a construção de gestos simbólicos, que constituirão uma política importante de sustentação ao Movimento: a mística.

Calcados no entendimento da justeza da sua luta, na necessidade de resistir à exclusão e nas ações que colocam o Movimento sempre em movimento, essas determinações ajudam a fazer do MST uma organização que se constitui um estorvo e que fragiliza o Estado. Seja na denúncia ou na pressão, mas sempre em movimento, eles se fazem sujeitos da história. A imagem quando é registrada denuncia, reforça ou enfraquece e se constitui como parte dessa construção.

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra constrói, ao longo de suas experiências de resistência e enfrentamento à marginalidade e à exclusão, um modo particular de fazer e viver a luta, recuperando componentes de culturas antigas, mas articulados de um modo novo, como a priorização da ação coletiva, o companheirismo, a solidariedade e, especialmente, a alegria no enfrentamento das dificuldades. É uma verdadeira oficina do homem novo, para uma sociedade nova, com fortes bases coletivistas, permanentemente celebrando a vida. E, nessa construção, nessa luta – essencial-

10 R. Williams, op. cit., p. 19.

mente pedagógica – por seus direitos, por sua cidadania plena, está a afirmação de sua identidade.

Na batalha diária, nos avanços e retrocessos, ganhos e perdas, vitórias e derrotas, vão se incorporando e se produzindo símbolos e sinais, manifestos em pequenos gestos, como o abraço nos companheiros, o afago nas crianças, o partilhamento das tarefas e dos alimentos, as decisões e responsabilidades coletivas, as cruces que lembram os mortos, a bandeira vermelha que afirma a esperança de uma nova vida, os instrumentos de trabalho, as marchas, os cantos e festivais. Enfim, esses são elementos que permitem a identificação grupal (de cada membro do Movimento com os demais, de qualquer parte), a afirmação da identidade política e social do Movimento e de cada um no Movimento, pois a história de cada um constrói e é construída com e pelo Movimento, e, ao mesmo tempo, permite ao Movimento, como grupo social, afirmar suas identidades e seus direitos no conjunto da sociedade brasileira.

O MST se constitui em espaço no qual os gestos de solidariedade, organização, disciplina, afirmação, luta e ética, são valorizados, passando da condição de *estorvo* à condição de cidadãos, homens que lutam contra uma concepção de mundo que exclui da educação parcela significativa de trabalhadores.

Os trabalhadores construíram cada marca, cada gesto e cada símbolo a partir de suas experiências diárias. Nada maior do que o Movimento em movimento, da marcha, da bandeira tremulando, do boné na cabeça e dos instrumentos de trabalho representam a sua produção e a sua resistência.

Focos & Fatos

A fotografia, como linguagem e como prática social, participa dessa luta dos sem-terra e da construção do MST. A imagem registrada é um importante instrumento de socialização das experiências, ajudando na produção de suas identidades políticas e sociais, na sua visibilidade pública, favorável ou não, na produção de suas culturas, na colaboração das articulações sociais. Participa também da animação ou do desestímulo, quando retrata um processo construtivo ou o nega. Participa da mística, dos movimentos do Movimento e provoca reações da sociedade, envolvendo-a na luta.

Todos os olhares são carregados de intenções. É o foco do *JST*, que divulga a forma como os sem-terra se vêem e como querem ser vistos. É o jornal *O Estado de S. Paulo* que participa com seu olhar, em grande medida, desqualificador do Movimento,

e o de Sebastião Salgado, que com a sua presença junto à sociedade e aos meios de comunicação em diversos países, luta contra a *extinção da espécie*, socializando a vida cotidiana dos sem-terra, divulgando a resistência à globalização, valorizando a sua dignidade, o seu trabalho, a sua luta e denunciando a violência contra eles. Com seu olhar humanista, provoca um grande debate em torno dos objetivos do MST, da situação desses trabalhadores, da estrutura agrária brasileira e da posição do Estado diante de tudo isto.

Os três olhares, com suas intenções, provocam reações, novas ações, transformações e vão participando da história de luta e ajudando a envolver a sociedade nessa luta. De uma forma ou de outra, contribuem para colocar o Movimento em movimento. Enfim, a fotografia é constitutiva da construção da imagem e da expressão política e social dos sem-terra.